

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

Bianca Quintella Ribeiro Corrêa Amaro

Acadêmica da Universidade Federal de Roraima, assistente de Educação Médica da IFMSA para os países das Américas

A patologia de base

O rodízio de clínica médica estava sendo incrível. O coordenador era um dos meus professores favoritos – na verdade, um dos favoritos de todos nós –, e eu tive a sorte de ser representante do grupo. Estávamos adorando tudo. Ele era esforçado para resolver nossos problemas, preocupado com nosso aprendizado, responsivo com nossas sugestões e educado nas conversas com a gente.

Dia 16 de março de 2020, à noite, ele me ligou para informar que estaríamos suspensos a partir de então. Ficamos um tempo em silêncio. Ele sabia que nosso grupo não queria deixar o hospital. E nós sabíamos que ele gostava de ser professor. Agradei. Informei aos colegas. Sofremos.

Fechei o caderno – na hora da ligação, estava revisando alguns protocolos para quando passasse a visita no dia seguinte.

Fiz mais uma ligação. Dessa vez, para o Iraque.

A maior organização estudantil do mundo, a IFMSA, é meu ambiente de trabalho desde 2015. Hoje, sou assistente de Educação Médica para os países das Américas. Um dos meus companheiros nesta organização é iraquiano. Liguei para informar que a nossa reunião de sábado de manhã, à qual eu havia dito que não poderia ir porque tinha enfermaria, estava de pé. Ele, no meio de um protesto, fugindo do gás lacrimogêneo enquanto falava comigo. Eu, no sofá de casa, sem perspectiva de sair de lá pelos meses seguintes.

Naquele mesmo dia, grande parte das escolas médicas do Brasil parou as atividades do internato. A reunião de sábado, com os assistentes de todos os continentes, revelou que a pandemia havia congelado as atividades presenciais do mundo inteiro. Isso em nada interferia no modus operandi da estrutura organizacional da IFMSA, que, há muito, já trabalha com educação a distância e atividades on-line. Quando muito, a gente se abraça duas ou três vezes por ano, desde sempre – mas o planeta inteiro, literalmente, precisava de uma resposta rápida da maior organização estudantil do mundo. E, agora, eu tinha todo o tempo do mundo para ela.

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

Convoquei uma reunião com as Américas, meu ambiente de trabalho. No dia 30 de março reunimos mais de uma dúzia de países, para discutir sobre como poderíamos nos manter unidos e trabalhar pela educação médica. A partir dali, tínhamos reuniões semanais sobre temas não-relacionados à Covid-19, até que a pandemia acabasse. Enquanto isso, países lançavam suas próprias respostas – o Brasil criou uma iniciativa nas redes sociais chamada Quarentena de Impacto, sugerindo diariamente atividades dentro de casa. O Líbano lançou um [manual de e-learning](#). Burkina-Faso fez uma lista de países que mantinham o internato ativo, se estavam recebendo pagamento ou não e, principalmente, se havia disponibilidade de equipamento de proteção individual. Atualizávamos essa lista ao fim de cada dia. Do sofá de casa, percorri o mundo uma vez por dia, todos os dias, vendo a oferta de segurança minguar e estudantes continuarem comparecendo, principalmente em países onde a guerra era realidade, como o Iêmen e o Iraque, mas também em países que sofrem com a emigração de médicos, como a Romênia, vítima de um pesadíssimo *brain drain*.

A IFMSA montou uma rápida resposta dentro de nossas possibilidades – um *statement* dos diretores-executivos, infográficos em sete idiomas, um mapa de medidas alternativas e o rastreamento ativo de atividades educacionais lideradas por estudantes em resposta à Covid. Alguns *webinars* – nossas boas e velhas videoconferências – e as pesquisas. Enquanto estávamos todos virtualmente reunidos, alguns acordados tarde demais de madrugada e outros cedo demais de manhã, por conta da gigantesca diferença de fusos horários, as notícias informavam que cerca de ¾ da população mundial estava fazendo isolamento social.

Nas Américas, explico: sou assistente, consultora, ajudante – deixo a liberdade para o leitor chamar do que quiser – para os chamados diretores nacionais de Educação Médica, as maiores autoridades no tema dentro dos polos da IFMSA de cada um dos seus países. Meus diretores pediram pra gente não discutir Covid – eles queriam usar aquele tempo para estudar a educação médica. E assim, enquanto as semanas passavam, eu os ensinei sobre análises SWOT – e mapeamos problemas curriculares e educacionais de vinte países -, sobre *advocacy*, *social accountability*, matrizes e competências curriculares. Visitamos juntos o site da WFME e abrimos juntos alguns documentos. Mostrei métodos e metodologias de ensino-aprendizagem, métodos de avaliação e discutimos bastante sobre o envolvimento estudantil significativo. Após as reuniões, sempre mando e-mails com material de apoio pra quem quiser se aprofundar mais no tema – e, para minha surpresa, sempre tem alguém pedindo mais, porque já leu todos os que eu mandei.

Debati o sistema de acreditação de escolas médicas do Equador. Conversei sobre a pesquisa no México. Descobri que, em Granada e no Haiti, há uma dificuldade em fazer atividades on-line porque muitos alunos não têm acesso à internet. Em Honduras, na Jamaica e no Panamá, por outro lado, havia muitas horas de aula, muitas provas e os alunos estavam bastante cansados.

Associação Brasileira de Educação Médica Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

Fora da educação médica, três vezes por semana eu e outros assistentes das Américas fizemos uma série de *webinars* sobre saúde pública, saúde sexual e reprodutiva, finanças, *capacity building*, direitos humanos, pesquisa e intercâmbios médico-acadêmicos.

Enquanto isso, no resto do mundo, o Time Internacional de Educação Médica criou uma campanha sobre força de trabalho global em saúde e fizemos *webinars* com representantes da OMS e da GHWN sobre mobilidade dos trabalhadores da saúde e sobre juventude e condições de trabalho decentes.

Percorri o mundo, algumas vezes por dia, todos os dias, de pijama. Desejei feliz Páscoa pra gente que não comemora a Páscoa e feliz dia das mães pra gente que celebra em outra data. Comemorei com a amiga belga a conquista da vaga em neurologia que ela queria, e com o chefe, do Marrocos, o bom desfecho do TCC dele. Sofri pela Costa Rica, que enfrenta problemas com a legalização do casamento homossexual. Ajudei os amigos hondurenhos com a prova de ginecologia. Conversei muito com a amiga médica equatoriana, sofrendo pela quantidade absurda de mortos.

O Ramadã começou, o que facilitou a vida com os fusos-horários, porque agora fica-se acordado de madrugada (pra poder comer), então é mais fácil ter reuniões.

Existe mais de um milhão de estudantes de medicina na IFMSA. Todos nós chegamos, dia após dia, nas enfermarias ou nas salas de aula, as mesmas carinhas, todo mundo cinza, ninguém se diferencia. Um ou outro lembra exatamente quais as indicações disso-e-daquilo-e-daquilo-outro, ou se destaca na clínica. Entretanto, estamos rodeados de professores, e jamais discutimos a educação. Somos um milhão de estudantes de medicina, que, daqui a alguns anos (a graduação dura tempos bem diferentes em cada país!) serão médicos.

Descobrimos que há muito mais a se fazer além do que já fazíamos. Foi curioso observar que a intensidade do trabalho dentro da IFMSA cresceu muito. Nossa quarentena está pautada em reuniões com muitos países por dia, manuais, novos *frameworks*, incontáveis atividades e telefonemas. Eu me pergunto – por que a gente não se dedica desse jeito à reumatologia? Por que é que a faculdade nos cansa e esse trabalho infinito é nosso *hobby*?

Encontrei nos meus diretores a resposta. Eles não queriam discutir a atual doença. Queriam discutir a ciência da educação. Eles queriam discutir a patologia de base.

O professor de clínica médica, um dos mais queridos da faculdade, perguntou a todos os alunos se acharam a prova justa. Ao final de cada sub-rodízio, conversávamos todos, para encontrar os pontos bons e os pontos a serem melhorados na experiência. Fazíamos reuniões presenciais e ajustávamos todos os dias uma coisa ou outra, em algo que tornou aquele rodízio uma

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

experiência positiva para todos os quase 60 alunos que ali passaram: protagonismo.

A pandemia fez com que os professores que aceitaram o ensino à distância precisassem entregar aos alunos, muitas vezes, o controle das plataformas virtuais, e se sentissem pisando em ovos no desempenho das suas tarefas – afinal, o mundo da internet pertence à minha geração. Talvez tenhamos trocado de lugar um pouquinho: alunos pisam em ovos a graduação inteira. Cada professor, uma metodologia, uma personalidade, um modus operandi, e os alunos, todos acinzentados, sentam em suas cadeiras acinzentadas, transcrevem palavras acinzentadas sobre patologias acinzentadas e vão para suas casas preto-e-branco tomar litros de café e tentar aprender algo que parece não fazer o mínimo sentido.

A patologia de base, para mim, é oftalmológica: estamos vendo o processo educacional de um jeito totalmente equivocado. Após ensinar sobre a ciência da educação para alunos do mundo inteiro e vê-los reproduzindo diferentes métodos para ensinar coisas a tantas outras pessoas, tenho para mim que a pandemia precisa trazer a reflexão não apenas sobre uma reforma na educação, mas também nos educadores. Não é possível que tanta gente simplesmente ache muito legal passar uma hora e meia revendo Basic Medical Education Standards da WFME e tenha zero interesse em estudar poliangeíte microscópica. Se a gente não se envolve no processo educacional, não tem graça ser educado – parece mais uma espécie de doutrinação. Vi algumas pessoas chorarem quando entreguei o dado científico de que adultos e crianças aprendem diferente, e que, se eles perceberam que ficar numa cadeira olhando pra cara do professor enquanto ele fala costumava ser efetivo e agora não é mais, isso não significa que há algo de errado com o aluno, só significa que ele cresceu. Por que é que a gente, na faculdade, não aprendeu o que é andragogia?

Recebi mensagens chorosas e emocionadas quando falei em uma palestra que motivação pra aprender não é obrigação de ninguém – entreguei o dado científico de que existe motivação intrínseca e extrínseca e passamos bons 40 minutos discutindo sobre a teoria da integração organísmica. Que graça isso tem? Talvez a graça de tirar o peso da culpa por não amar cada minuto da faculdade de medicina, explicando que motivação é uma ciência e mostrando suas facetas psicológicas.

A pandemia, sem dúvidas, veio para quebrar paradigmas. Mas, mais do que isso, ela deve trazer uma revolução em como olhamos para a relação professor-aluno. O verdadeiro desafio pedagógico é o processo educacional em si, a patologia de base.

Recebido em: de maio de 2020.